

**tra razão igualmente ponderosa de utilidade publica aconselhe esta classificação.** Serão de 3.ª ordem os restantes, reservando-se o governo a faculdade de supprimir aquelles que não tenham as precisas condições e recursos de autonomia municipal.

Nada mais nítido! Os criterios são: a população, a industria, o commercio, os recursos para custear as despesas do municipio, a distancia e difficuldade de communicações com a sede da comarca ou outra razão de utilidade publica.

Mas não se diz, commentam alguns, qual deve ser a população, por onde graduar a importancia da industria e do commercio, como calcular os recursos e despesas do municipio, não se fixa a distancia da sede da comarca e, para remate, permite-se o uso da analogia. Ora, affirmam estes retardatarios, sendo preferivel uma má lei ao arbitrio por parte dos governantes, devia indicar-se na reforma administrativa tudo isso.

Outros aventam, mas estes são com certeza mal intencionados, que o governo bem pôde, dentro das faculdades conferidas pelo decreto, impôr-se aos concelhos obrigando-os a satisfazer todos os seus caprichos, designadamente os eleitoraes, sob pena de serem classificados na 2.ª ordem em vez de o serem na 1.ª; de serem incluídos na 3.ª em vez de o serem na 2.ª, ou de morrerem às mãos vingativas d'um ministro.

Mas nem uns nem outros têm razão. O governo, sempre inspirado no interesse publico que tem dictado todos os seus actos, saberá promover a satisfação das necessidades locais, manter as tradições municipaes, muito mais vantajosamente do que se fosse consignada na lei essa velha theoria dos criterios mathematicos que despoticamente se imponham. Nada ha que se imponha tanto como a utilidade publica, e foi para que ella já mais deixasse de animar os actos do governo que este a repeliu.

E fez bem! Além d'isso ninguém pôde acreditar em que as localidades cedam às pretensões do governo, quando não sejam legítimas. Estamos num paiz em que vigora o systema representativo, isto é, em que a nação é quem dicta a sua vontade, sendo o governo obrigado a obedecer a ella. Esta é que é a verdade, digam o que quizerem esses tresloucados que para ali andam a falar em despotismo.

A nação é livre, repetimos. Concordamos tambem plenamente com a disposição da reforma que confere ao governo a escolha dos presidentes das camaras municipaes de Lisboa e do Porto entre os cidadãos eleitos para ellas, e com a disposição que lhe attribue essa mesma faculdade relativamente a todas aquellas que recebem do governo subsidio superior a 1:000\$000 réis, sem distinguir entre 1.ª, 2.ª e 3.ª classe. Pôde dizer-se que o presidente de qualquer corporação deve, acima de tudo, merecer a confiança dos membros da corporação, do mesmo modo que esta deve merecer a confiança dos seus municipaes, e que portanto aquelles devia competir a sua escolha. Grande erro! O que se torna necessario sobretudo é evitar que haja desharmonia entre a auctoridade administrativa, representante do interesse publico, e o presidente da camara, representante dos interesses municipaes, e como o interesse publico deve predominar sobre o local, a primeira auctoridade municipal deve estar dependente do governo. A fiscalização dos seus actos, a annullação ou revogação dos que forem contrarios ao interesse publico não é sufficiente. Está amplamente demonstrado.

Os municipios de Lisboa e do Porto têm levantado embarços ao governo? Applique-se-lhes já o remedio salutar. Para os que de futuro quizerem mostrar a sua independencia, um subsidio de 1:000\$000 réis no orçamento do Estado, subsidio que pôde ser concedido indepenientemente de representação do municipio, no que o governo revelará a sua rasgada generosidade, que será pago do mesmo modo que o estão sendo as quantias que o governo deve ás camaras pelos trabalhos de viação municipal.

Já viram governo mais previdente? E ainda ha quem o julgue funesto ao paiz! Nós, é oscusado dizel-o, somos d'opinião contraria.

## A ACADEMIA E JOÃO DE DEUS

Ha bem pouco nós, academicos, no alvorecer da vida, a sorrir-nos a illusão d'um futuro cheio de luz e felicidade, amantes da natureza, do bello, do sublime, fomos com o calor que o sangue dá aos vinte annos quando o coração pulsa fortemente e o cerebro vibra intensamente entregar as palmas da nossa admiração, do nosso culto a João de Deus, o homem mais genuinamente portuguez e o portuguez mais genuinamente poeta da nossa litteratura contemporanea.

Bem levantada e digna foi a nossa homenagem a um vulto tão proeminente das letras patrias.

Organisação sublime de poeta aquella!

As suas poesias ligeiras, singelas como rosas silvestres, repassadas de pureza e sentimento, filtradas através d'aquella alma sem macula são d'um lyrismo admiravel, ideal: parecem imagens de boninas reflectidas na retina de seus bellos olhos negros, aveludados, apresentadas depois por aquella linguagem inimitavel tal qual são na natureza.

A gente não as lê: o espirito aspira-as, vêde:

Como os teus pés são lindos! como é doce  
A curva do teu peito!  
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,  
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre  
Teu meigo humilde labio!  
E, virgem! como Deus foi justo e sabio  
Em te fazer tão pobre!

E estes versos d'uma simplicidade quasi desesperadora, quem os consegue imitar?

Ninguém. E' d'este, só d'este.

Até agora não houve escola que o modificasse, meio que nelle influísse nem annos que o transformassem.

Hoje, que os cabellos brancos lhe emolduram a ampla fronte, canta como cantava em estudante junto dos salgueiros do Mondego, como cantava em creança pelos montes da sua aldeia. João de Deus é poeta desde o berço: os annos só o fizeram homem e depois velho. Aquella alma é sempre a mesma, fresca, juvenil: a tensão das cordas d'aquella maviosa lyra invariavel, constante.

Fel-o poeta o bello sol do formoso Algarve; o azul sem igual d'aquella ceu e as flores d'aquelles campos influíram poderosamente n'aquella organização.

Nasceu, cresceu, fez-se alli n'aquella recanto do nosso bello Portugal.

Hoje, não obstante estar em Lisboa, a sua voz conserva-se maviosa como d'antes, cantando nos pomares da sua aldeia, porque a sua alma não está lá: anda pelas campinas beijando as petalas das rosas, aspirando o perfume dos laranjeas, bebendo o nectar dos lyrios e ao voltar a si elle lança no papel o que ella lhe trouxe do seio da natureza, perfumado, casto e puro como um beijo de virgem.

Cumprimos o nosso dever porque um cerebro e uma alma assim raro apparecem na vida d'um povo. Admiramos o que é uma gloria.

Agora lembremo-nos que esse homem que festejamos, ama mais do que ninguém a sua patria e que os males que a alanceam o pungem dolorosamente; por isso na primeira pagina do volume que lhe offerecemos desejaria que elle lesse—Nós, homens d'amanhã, n'um esforço commum tentaremos levantar do abismo em que se afunda, a sua, a nossa bella patria.

O futuro não nos sorri muito; não. O ceu não se mostra azul; pelo contrario no nosso horizonte carrancudo, sombrio, accumulam-se negras e densas nuvens prestes a resolverem-se numa tempestade medonha. Evitemol-a ainda se é tempo. A despreoccupação é muitas vezes como agora, um crime.

Viver das glorias passadas; estacar no presente; não pensar no futuro, é ficar-se uma geração para ali, ainda com alguns restos de força e vida, estagnada neste enorme e vastissimo pantano da nossa sociedade onde pululam todos os germes da corrupção.

Olhemol este pobre paiz que se debata nas vagas d'uma agonia terrivel enrolado nos andrajos d'um regimen velho, gasto, que o arrasta enlameado e faminto, tropeçando na retaguarda da grande marcha evolutiva da sociedade, que leva na vanguarda altiva e

donairosa a França, desfaldando ao vento a bandeira do Progresso.

Oh! arranquemos-lhe esses farrapos, acalentemol-o com o calor da nossa idade, fortaleçamos lhe o sangue e então a vida voltar-lhe-ha.

E elle, velho fidalgo, respeitado hontem, arruinado e desprestigiado hoje, por terra desfeito o seu brazão, poderá ainda levantar o amanhã como outr'ora a admiração do mundo inteiro.

Os anhelos d'aquella alma candida de poeta serão, não os choques violentos, medonhos, das paixões e das misérias que ameaçam convulsionar o nosso povo, destruindo, devastando tudo, mas a paz, o socorro e o bem estar que resultam da harmonia, do equilibrio perfeito de todas as nossas forças. E esse equilibrio depende de nós.

Elle, como a tímida andorinha, não quer o furacão que revolve o oceano até ao mais recondito dos seus abismos, quer a brisa que levemente encrespa a superficie crystalina dos lagos.

Leotte du Perier.

## João de Deus

João de Deus!

A ti, querido poeta do amor, a ti, alma serena como um lago onde correm barcos que são doces bergos de creança—te enviamos, nestas palavras simples, as orações do nosso culto.

Desejariamos poder tomar a tua figura nos braços, beijar a na fronte e depol'a a ella, tão infantil e meiga, no berço da historia. Pedir ao genio popular da nossa patria as suas trovas, ás raparigas adolescentes e puras a musica dos seus beijos, ao espirito meridional da nossa raça o susurro ondulante das suas chiméras,—formar com tudo isso um canto glorioso e ao som d'elle embalar-te pelos seculos eternos.

Pequenos de mais para levar até ti o ruido das nossas palmas e o fogo do nosso espirito, ó querido poeta immaculado, junto de ti ajoelhamos, como no remanso d'uma capella que tivesse no altar a imagem d'um santo,—com uma palma entre os dedos magros e uma corôa de lyrios na fronte pura.

## Nas festas a João de Deus

Escreve o *Seculo*: Houve, porém, um discurso, pequeno e curioso, que não sabemos quem o proferiu, mas que podemos colligir inteiramente, e que reproduzimos, porque elle é bastante para dar a idéa clara e nitida do que foi a festa de hontem.

Disse o orador:

«Em nome de todo o povo, eu beijo a mão ao maior dos poetas! Invoco nesta hora o nome de todas as mães para beijar a mão áquelle que ensina a ler as creancinhas!»

Estas palavras, de facto, dizem tudo quanto se poderia dizer a respeito de João de Deus!

Estas palavras a que se refere o *Seculo* foram pernunciadas pelo nosso collega João de Menezes.

## O premio da Patria

Este seculo teve em Portugal tres homens extraordinarios pelo talento e pelo caracter.

José Falcão, Anthero e João de Deus. Tres aguias que parecem sahidas do mesmo ninho.

A primeira num vôo rasgado quiz proteger com as suas azas santas esta Patria.

A monarchia tentou no fim da vida mandal-o prender.

A segunda, depois de soltar um canto feito com notas de todos os clareins de revolta, fugiu para o espaço, envergonhada de tanta miséria e envolta num sudario negro, até cahir no chão como uma montanha que desaba.

O paiz chamou lhe doido e esqueceu-o.

A terceira andou sempre no espaço infinito e risonho, branca como um cygne, na alma um côro de bengãos e preso no bico, chimera alada, um barco de creança.

O governo no dia da sua consagração, mandou-o citar por uns miseraveis mil réis que injustamente foram extorquidos á sua pobreza.

Camões soffreu mais, mas em vida, com certeza, não teve razões para sentir tanto nojo...

## LITTERATURA E ARTE

### IDYLLIO

(FRAGMENTO)

Primavera, pela tarde...

Preoccupado ia descendo o pastor, a caminhar, o olhar admirado sem se voltar para traz a ver a ermida de NOSSA SENHORA DO DESTERRO, que deixara e que mal se enxergava ao longe, lá no alto.

Como era novo o paiz, tão diferente da serra,—o valle!

Que cheiro o das flores de primavera, humido e penetrante.

O monte acabava de repente no campo que se estendia ao longe muito baixo. Quasi ao fim um grupo d'arvores, cheias de folhas novas, d'um verde muito fraco ainda, pallido, d'uma mancha indecisa e redonda, como a dos corpos novos a crescer. De lá o ribeiro campos fora, azul em brillos de prata ao sol ia como um ferro d'arado cortando a relva verde-tenra.

Parara a olhar admirado aquellas terras novas, as cousas que nunca vira, dobrado a procurar na relva as flores escondidas de que sabiam aromas tão estranhos, tão fortes e tão bons.

Estalou perto um riso de crystal, e elle assustado encolheu-se todo a olhar.

No ribeiro ia entrando devagar uma rapariga a arregaçar as saias, muito curvada a fallar á agua que descia a rir depois de morder-lhe os pés; do seu collete vermelho subia uma onda de carmin que ia incendiar lhe as faces pallidas, accendendo reflexos d'ouro fulvo no cabelo frio, louro de linho por côr. Da curva da anca esguia subia o tronco fraco, o peito afilado até ao pescoço cheio de tons diluidos de rosa, e sombras apagadas de seda azul-lilaz.

No corpete estreito rompia agudo o seio novo e forte, a saia pobre de baeta azul atenuava os reflexos brancos de aço, com que o rio luminoso cortava a carne dura, vermelha de frio.

Como ELLA era bonita, parada no meio do regato, o rosto tingido de transparencias côr de rosa, dobrada a ver as flores que cahiam dos seus cabellos desatados, e se iam arrastadas rio abaixo, violentamente, á força, sempre a redemoinhar e a voltarem-se para traz na saudade das tranças que deixavam...

E ELLE, que de mulheres nunca conhecera senão NOSSA SENHORA DO DESTERRO, ia descendo a medo, os olhos muito abertos, a olhar, sem fazer barulho, muito devagar, não fosse ELLA fugir-lhe.

Assim chegou á beira do regato sem ELLA o ver, toda entretida a entrançar os cabellos com os seus dedos de leite rigidos e afilados como as agulhas a tecer.

Ajoelhou junto da margem, beijando a relva deitada, ainda entorpecida do afago dos seus pés brancos e leves.

Cravou-se a caricia fina do olhar d'ELLA entre as espadas fortes do pastor debruçado a ver-lhe a imagem no ribeiro, toda em tons de veludo e seda como a dos lyrios. Debaixo d'agua encontraram-se os seus olhares, e ELLE inclinou a cabeça muito devagar, a bocca aberta a commungar, até tocar com os labios seccos a agua transparente e fria, tentando sorver-lhe a imagem.

Ouvia-se um grito, pequeno, como um gemido d'ave, e do fundo azul da ribeira fugiu a imagem d'ELLA como uma nuvem branca puxada pelo vento.

Erguen a cabeça o pastor e viu-A a correr, ouvia-se ainda o ruido humido dos seus passos, como se fossem a dar-lhe beijos breves os labios grossos da terra.

Ficou-se ELLE, as mãos na relva, o pescoco estendido, o olhar perdido ao longe. No fundo d'ouro pallido do poente ia-se gastando a sua sombra a sumir-se.

Quasi ao fim do carreiro inclinou-se o seu corpo a colher uma flor, num movimento delgado como gesto de salgueiro, e os cabellos, ainda por entrançar, calhram-lhe pesados d'ouro sobre a terra, deixando romper o brilho azul do seu olhar pequenino, a oscillar medroso, como uma lampada a traz d'um raro dourado em altar de Sauto. A relva levantava-se fina como uma lamina d'aço a vibrar de vida á restea de luz d'aquelle olhar que ia perder-se todo na escuridão dos olhos immoveis do pastor.

Apagou-se o olhar d'ELLA, e erguen-se o seu vulto a caminhar, o andar felino e lasso.

O pastor levantou-se e poz-se a seguil-A, deixando-se ir tão leve ao sopro do vento que ao longe andava a brincar com o vulto d'ELLA.

Muito depressa ia! Nem sentia a relva, que ha pouco acariciara o olhar d'ELLA, e toda a tremer ainda de vida se levantava a morder-lhe os pés d'inveja.

ELLA já mais perto, muito devagar, fallava a todos os arbustos, deixando-se abraçar pelos seus ramos delgados em que corria forte o sangue da primavera, mergulhando o rosto nas flores que lhe estendiam os labios, como boccas de creanças a estalar de beijos perfumados.

T. C.

## Rica defeza

Uma das quatro ou cinco folhas que ainda defendem sem restricção alguma os actos praticados pelo governo escreve, em defeza do celebre artigo 446 do codigo administrativo de João Franco, que a doutrina nelle consignada esteve em vigor desde 1833 a 1878 e que tem por base a independencia dos poderes.

O primeiro argumento tanto serve para defender o artigo 446 da reforma administrativa como os mais res abusos de que as legislações têm sido largos repositórios.

Quanto á independencia dos poderes não sabemos que podesse ser invocada para fundamentar uma disposição que é evidentemente destinada a cobrir os maiores abusos, principalmente nas epochas eleitoraes.

Que, invocando esse fundamento, se discutisse se os funcionarios administrativos deviam responder perante tribunaes especiaes ou perante o poder judicial, vá; mas que se affirme que esses funcionarios não possam ser accusados sem auctorisação do governo, isso só a imprensa governamental é capaz de o fazer.

A razão não será difficil de descobrir.

## Martins de Carvalho

Do vibrante artigo inserto no *Conimbricense* pelo honrado decano dos jornalistas portuguezes, artigo a que já nos referimos na primeira pagina do nosso jornal, transcrevemos esta apreciação justa do estado dos negocios publicos em Portugal.

«A administração publica tem sido uma serie de desbarates do dinheiro dos contribuintes; os syndicatos escandalosissimos tem surgido para enriquecer os grandes potentados; a lei fundamental tem sido audaciosamente rasgada nas suas principais disposições; as liberdades, pelas quais o exercito libertador tanto pugnou, tem sido afrontosamente esgarçadas; e a esperança do paiz, para o remedio dos seus males, na actual forma de governo, está de todo perdida.

«E isto succede num paiz onde, como se acaba de ver, nas diferentes revoluções politicas, se não fallava em republica.

«Que extraordinaria transformação se tem operado nos ultimos annos!

«A revolução republicana não está em Portugal realisada de facto, mas está effectuada nos espiritos, e contra essa revolução não ha coacção possivel.

«O governo que ahi se acha gerindo os negocios publicos, praticando os mais audaciosos actos contra a lei fundamental, e que parece ser composto dos mais furibundos ministros de D. Miguel, de nefasta memoria, concorre mais do que ninguém para se desenvolver, de um modo assombroso, o partido republicano em Portugal.

«A reforma administrativa por elle agora publicada é um composto de attentados contra todas as liberdades civicas.

«Os ministros de D. Miguel trabalhavam activamente, com as suas perseguições e intolerancia, para a victoria do partido liberal.

«E os actuaes ministros trabalham com o seu condemnavel procedimento, para a victoria do partido republicano.

«O tempo lhes mostrará o resultado dos seus actos.

«Entre a monarchia, quasi absoluta, que ahi existe, e a republica, o nosso caminho está naturalmente traçado.

«Não queremos saber de homens, mas d'ideias, de principios e de garantias liberaes.

«Pretendem arremessar-nos para a reacção absolutista?

«Pois nós, como cidadãos livres, havemos de nos manter firmes em o nosso posto de honra, lutando sempre contra esses tramas, ominosos e liberticidas.

São palavras honradas, juizo abonado por uma vida inteira de trabalho e honestidade. Folgamos de citar as palavras do decano dos jornalistas, que vem alistar-se nas fileiras republicanas no fim da sua vida, dando um exemplo de força e de coragem aos novos,



## Carta de Lisboa

8 de março de 1895.

Hoje treguas á politica.

Acordei hoje outro, mais rapaz. Dormi o sono dos 19 annos, sono que eu já não durmo ha tanto tempo, cheio de sonhos alegres em que andava a recepção dos estudantes de Coimbra, o chegar da machina levantando adeante a lyra d'ouro sobre palmas verdes, o voar das bandeiras ao vento nervoso como o agitar d'um lenço feminino.

Maravilhoso o aspecto feerico da estação á noite no esperar dos estudantes do Porto, todo cheio do balouçar dos balões venezianos suspensos em bengalas.

Em tudo andei a rir e a gritar, como um rapaz, sem ninguém reparar nos meus cabellos brancos.

Davam dez horas no Carmo quando eu abri a janella do meu quarto que dá para o Rocio. O tempo era frio, cinzento, a paisagem afogada em tons pulverulentos de nevoeiro branco, apagada e indecisa como o esboço d'um quadro a pastel. O sino do Carmo repetia as horas e eu sorria-me a lembrar o epigramma tão conhecido do João de Deus ao tocar da cabra. E' ao tocar da cabra não é! Eu nem já me lembro... toca a capello...

Em baixo passavam capas ao vento, cabeças descobertas de estudantes, a cara alta a sorrir, como em paiz conquistado.

O cortejo dos estudantes fez-se sempre no maior entusiasmo, sob uma chuva torrencial, numa marcha triumphal pelas ruas em que se apinhava curioso e contente o publico a applaudir, sempre as vivas para as janellas em que se debruçavam as senhoras sempre a rir e sempre saudadas.

Foi notada a correcção dos alumnos da casa pia, collegio militar, e a animação e o entusiasmo em fogo dos estudantes das escolas superiores que nem reparavam nas ondas das policias em serviço e fiscalisar.

Na casa do poeta foi enorme a ovacão ao apparecer ás janellas os estandartes dos estudantes, saudados por uma salva de palmas prolongada, entusiastica.

Muito applaudido tambem João de Menezes o talentoso moço, orgulho do partido republicano, caracter immaculado, alma d'ouro que se apolherou do publico logo ás primeiras palavras do seu pequeno improviso cortado de brados, d'applausos e de salvas de palmas.

As janellas que se conservavam cheias, mesmo ao debandar do cortejo, estavam sem ninguém mais tarde, quando passou a procissão dos passos.

O album dos estudantes de Coimbra tem estado exposto na livraria Gomes, sendo elogiado com admiração os desenhos de Bastos, Gonçalves e Vieira.

O mau tempo não deixou tocar as tunas durante o cortejo. Apenas se ouvia a musica da casa pia.

João de Deus esteve todo o dia ro-

deado d'amigos, pallido, por vezes muito commovido, quasi a chorar.

O Rei foi visitar o Poeta condecorando-o com a gran cruz de Santhiago, a mesma que o pae deu a rir-se quando o Brazão fez o Ohiello...

A glorificar João de Deus, no meio da mocidade em festa, ninguém viu os filhos do Rei de Portugal!

T.

### Dr. Guilherme Moreira

Afim de visitar seu ex.<sup>mo</sup> irmão, e tratar de outros assumptos, partiu para a capital do Norte, este nosso querido amigo e collega da redacção.

### Partido republicano

Reuniram os nossos correligionarios de Barcellos a fim de eleger a sua commissão municipal, que ficou composta dos cidadãos seguintes: dr. Martins de Lima, medico e proprietario; Gonçalo Pereira, capitalista e proprietario; Manuel Vianoa, proprietario; padre Antonio Lima, director do Banco de Barcellos; Evangelista Costa, proprietario e capitalista; Gonçalves Cruz, pharmaceutico; Manuel Moreira, capitalista; João d'Oliveira, negociante; Abel Finza, proprietario e capitalista; Manuel Azevedo, negociante e proprietario; Neira Guimarães, capitalista e proprietario; Faria Gago, proprietario; Antonio Azevedo, negociante; Manuel Ferreira, industrial; Alves Faria, pharmaceutico.

Os tres primeiros cidadãos constituem a commissão executiva.

Alegria-nos este movimento que se vae alastrando em todo o norte do paiz produzindo entusiasmo e confiança em todos que se interessam pela sua regeneração, que só poderá realizar-se com a proclamação da Republica, governo unico capaz de fazer reviver o espirito nacional abatido por tantos desenganos.

Felicitemos os nossos correligionarios de Barcellos e que não desanimem nos trabalhos encetados.

### Dr. Vasconcellos

Acha-se incommodado o nosso amigo e illustre lente de Theologia sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

### Anthero e Sousa Martins

Consta-n'os que em breve vae sahir o livro que o sr. Joaquim d'Araujo anda promovendo em homenagem ao grande poeta Anthero do Quental.

Alem de varios artigos notaveis, insera um estudo da extranha personalidade de Anthero, — que de antemão se diz extraordinario e devido á penna brilhantissima de Sousa Martins.

A personalidade psychica de Anthero é um dos grandes problemas da psychologia humana. Compreende-se por isso o interesse do estudo de Sousa

Martins, um medico de enorme talento, que se propõe elucidar a figura do poeta, em cujo espirito correu a chama devoradora d'um genio incomparavel, envolta na penumbra, aliás muito esbatida, d'uma organização morbida.

A litteratura portugueza não é rica em trabalhos d'este genero. Algumas passagens brilhantes em Camillo, em Fialho, etc., mas nada mais, e isso mesmo tão somente lufadas de inspiração de crateras em indisciplina.

Esta nova produção de Sousa Martins vem, pois, abrir um sulco novo n'um terreno quasi virgem.

Ainda bem. D'ahi resultará um capitulo importante para uma sciencia ainda titubante, sobretudo entre nós, alem do esclarecimento scientifico e consciente que d'ella advirá para a obra de Anthero, o poeta de phantastica estatura.

Accrescendo, é claro, a prova de uma outra modalidade do seu espirito que Sousa Martins nos vae dar, augmentando os seus creditos de homem eminentemente superior. Superior e que occupa um lugar primacial na medicina portugueza, a despeito da má vontade de alguns idiotas subalternos.

### Dr. Manso Preto

Acha-se quasi de todo restabelecido do incommodo que ultimamente soffreu, este nosso amigo e dedicado correligionario.

Congratulamo-nos de poder noticiar as melhoras de tão prestante e honrado cidadão.

## Noticiario

Tem estado doente o sr. dr. Manoel Novaes, muito digno empregado no Governo civil.

Desejamos o seu prompto restabelecimento.

### Arte portugueza

O sr. conego Prudencio Garcia vae publicar brevemente uma collecção valiosa de documentos ineditos, que vêm lançar muita luz sobre a historia dos artistas e da Arte em Portugal.

O livro é precedido de um prefacio do nosso collega dr. Teixeira de Carvalho, que estuda a evolução da historia da Arte em Portugal, e particularmente a Arte do Renascimento em Coimbra.

O livro deve ser posto á venda em outubro.

Foram 292 os passaportes passados no governo civil d'este districto no mez de fevereiro.

Emigram os homens validos fugindo á fome que os tortura neste paiz empobrecido pelos desvarios de um governo despota e sem comprehensão dos seus deveres.

É triste!

— Lá em baixo, no fim da rua de Santo Antonio, ha oito torres, cujos canhões estão apontados contra nós. Oito torres, cercadas de fossos, sem accesso, inexpugnaveis. Estas torres são uma prisão, e nesta prisão gemem as victimas da tyrannia. É preciso tomar esses canhões; abrir essa prisão, e libertar essas victimas!... Á Bastilha.

— Á Bastilha! repetiu a multidão. Esta palavra passou como um furacão sobre o Palais Royal.

— Á Bastilha! Á Bastilha! E não se viam senão cabeças desvaibradas, olhares de fogo, boccas abertas, e braços estendidos, armados ou desarmados.

O rapaz tirou uma pistola da cinta, tomou-a na mão esquerda e saltou da cadeira com o punho no ar.

De repente parou. Tinha visto a linda mulher do bouquet de rosas. Aproximou-se d'ella com o chapéu na mão:

— Peço perdão em me dirigir á senhora, sem ter tido a honra de lhe ser apresentado. A senhora comprehende-me; eu vou tomar a Bastilha... Parece-me, porém, que me bateria com mais valor se me desse uma das rosas do seu bouquet.

Ella corou muito e fez um movimento. — Talvez eu morra! ajuntou sorrindo o rapaz.

### Cerração da Velha

Dizem-nos que o grupo de gentis senhoras, que promoveram na segunda feira de entrudo a brilhante recita do Fausto, tencionam quebrar a monotomia da mi-carême, realisando uma recita no Theatro de D. Luiz. Levarem-se-ha á scena, alem do Fausto, um *arreglo da Cavallaria rusticana*.

Nesse mesmo dia haverá nas salas do gymnasio um sarau offerecido ás familias dos socios.

Teremos, pois, mais uma noite de festa e alegria.

O nosso talentoso collega João de Menezes foi eleito por aclamação para presidir a assembleia academica que se realison no theatro Avenida, depois da chegada dos estudantes de Coimbra a Lisboa.

Em phrases eloquentes e vigorosas, agradeceu o nosso collega esta manifestação de sympathia que lhe fez a academia de Lisboa, e que elle bem merece.

Partiu para o Rio de Janeiro o nosso amigo Mario Basto, redactor da *Alvorada*. Boa viagem lhe desejamos, e que veja realizados os seus melhores desejos.

### Operação feliz

O sr. Manoel Gonçalves Castanheira, do Bolho, foi operado de catarata, nesta cidade, em casa do sr. José Tavares da Costa.

Operou o sr. dr. Sousa Refoios, auxiliado pelo sr. dr. Daniel de Mattos, — dois grandes clinicos de largo folgo e vastissimo saber. O resultado da operação não podia ser mais satisfatorio pelo que felicitamos o sr. Gonçalves Castanheira.

Não havia outra coisa a esperar de resto, visto assistirem-lhe os dois illustres homens de sciencia que são positivamente pela variedade das suas aptidões e singular relevo do seu talento, duas brilhantes glorias da medicina portugueza.

### Camara Municipal de Coimbra

Resumo das deliberações tomadas na sessão ordinaria do dia 21 de fevereiro de 1895.

Presidencia — bacharel João Maria Corrêa Ayres de Campos.

Vereadores presentes, bacharel Ruben Augusto d'Almeida Araújo Pinto, João da Fonseca Barata, João Antonio da Cunha, Manuel Miranda, Antonio José Dantas Guimarães, effectivos.

Arrematou em praça a passagem ao porto do rio Eça.

Auctorisou o presidente a fazer o estudo necessario para a creação d'um partido medico, que comprehenda as quatro freguezias da cidade e para se providenciar sobre o assumpto por

Então, com a mão tremula, tirou uma das rosas e off-receu-lha.

— Obrigado!... obrigado senhora!... E partiu, seguido d'uma multidão de combatentes improvisados.

Ella viu-o affastar-se, e seguiu-o com o olhar, commovida e perturbada, durante muito tempo.

A sombra que velava os seus olhos, tinha desaparecido: agora eram azues.

### VI

A PRIMEIRA FAÇANHA DE CADET TRICOT

Em uma noite o aspecto de Paris tinha mudado.

Os pavimentos das ruas levantados serviam de barricadas contra as cargas dos cavalleiros allemães. As mulheres tinham amontoado nas janellas as vasilhas, moveis e utensilios, afim de os arremessarem sobre a cabeça dos soldados. De distancia a distancia, haviam cavado grandes buracos, para fazer cair ahi os cavallos.

Os sinos tocavam a rebate, e, como se este signal geral não fosse bastante, muitos homens percorriam as ruas tocando campainhas. Os tambores rufavam. De todos os quarteirões centraes de Paris sahia um grande ruido, semelhante ao d'uma tempestade. De todas as ruas que desembocam na rua de Santo Antonio irrompiam ondas huma-

nas.

meio d'orçamento supplementar, em vista d'ordens recebidas das estacões superiores por virtude da extincção do logar de delegado de saude.

Attestou acerca de tres petições para subsidios de lactação a menores. Mandou fazer alguns melhoramentos no terreno destinado á matança do gado suino, junto ao edificio do matadouro.

Mandou fazer orçamento para a reparação dos telhados do edificio dos Paços do Concelho.

Auctorisou a presidencia a mandar levantar em tempo opportuno o muro, que desabou, do cemiterio da freguezia de S. Martinho do Bispo.

Mandou que fossem intimados alguns proprietarios da freguezia de S. Martinho do Bispo, para reduzir ao estado primitivo o terreno d'um caminho publico que occuparam com arvores e com vedações que fizeram nos seus predios.

Resolveu pagar a E. Beraud a quantia de dois contos e quinhentos mil réis, por conta da divida de quatro contos, que se resta das obras executadas para o abastecimento d'aguas.

Mandou descontar o vencimento d'um dia a cada um dos quatro vigias dos impostos, por irregularidades commettidas.

Auctorisou avenças para o consumo de agua.

Auctorisou o pagamento d'algumas folhas d'obras.

Adoptou a conta da gerencia do anno findo, apresentada pela presidencia, observando-se as formalidades da lei e lendo-se o parecer da commissão nomeada para o exame e verificação d'ella.

Despachou requerimentos, auctorisando exumações e trasladação d'osadas no cemiterio da Conchada; a construção de duas casas na rua do Tenente Valadim, segundo o alçado que approvou; a vedação d'um predio na Ribeira de Frades, sem occupação de terreno publico; e em iguaes condições a vedação de um olival junto da estação do caminho de ferro e a d'uma propriedade nos Casaes do Campo; a substituição de quatro arvores na estrada do Botão, junto d'um predio particular; mandando annunciar de novo que se arrendam em praça pelo corrente anno os impostos indirectos da freguezia de Trouxemil; reclamando acerca do prejuizo que alguns proprietarios de Souzellas estão soffrendo com arvores plantadas nos comoros da linha ferrea, junto do mesmo logar; e resolvendo que um deposito feito para a construção d'um muro ao Theodoro fique servindo de garantia ao cumprimento de deliberações para apeamento do mesmo muro.

— Indeferiu um requerimento acerca de pagamento d'impostos indirectos, devidos por generos, que se dizia terem sido adquiridos para consumo particular, e outro para a abertura d'algumas frestas em uma casa em Cellas, na parte da mesma casa que olha para uma propriedade do municipio.

Não se viam senão andrajos e uniformes, desgraçados de braços nus, e guardas-franceses fugidos, barretes de lã rotos e capacetes brilhantes, uma amalgama de todas as côres, preto, branco, vermelho, azul, uma mistura de todas as classes, artistas, negociantes, padres, soldados...

Os de Saint-Marceau chegavam com o cura de Saint-Etienne-du-Mont, Gabriel Levrée de Penonne á frente. Um outro cura, Lefèvre, distribuía cartuchos no Hotel de-Ville. O abade Fauchel marchava á testa d'um grupo de combatentes, dizendo:

— Foi a aristocracia que c uilficou Jesus!... Os de Saint-Denis que, na vespera, tinham roubado o trigo do convento de Saint-Lazare, não pensavam já senão em roubar polvora.

Os 20-000 camponeses famintos que ha um mez acampavam nas alturas de Montmartre, tinham descido a pedir armas; e, por um milagre, toda a gente tinha encontrado armas.

Era uma floresta de alabardas, paus, facas, fources...

As lojas dos armeiros tinham sido saqueadas. Tinham-se arranjado tambem espingardas nos Invalides. O arsenal tinha fornecido a polvora.

No Hotel de-Ville, os electores delliberavam; o povo movia-se na rua.

(Continúa).

### 6 Folhetim da RESISTENCIA

## DA REVOLUÇÃO AO IMPERIO

(ROMANCE REVOLUCIONARIO)

PRIMEIRA PARTE: 1789—1792

### V

O PALAIS ROYAL

— Colloca-o no chapéu, que te fica muito bem.

A rapariga poz-se a rir. A senhora tirou uma moeda, e pegou em um laço.

— Dá-me um alfinete!

Depois d'isto, pregou no chapéu as cores da cidade de Paris.

— E-tá bem assim? perguntou a senhora.

— É tão verdade estar bem, como eu chamar-me Jenny Combat!

Neste momento, um rapaz chega do lado opposto.

Estava uma cadeira vazia; apoderase d'ella e salta para cima:

— Meus senhores, chego de Versailles. Havia lá um ministro que amava o povo — Necker.

Necker tinha partido nessa noite, expulso pela rainha e por a nobreza. As ruas estão occupadas militarmente, e a Assembleia Nacional delibera no

meio das bayonetas. Ao longo da rua estaciona a cavallaria. Todos trazem o laço verde do conde d'Artois. Aliados estrangeiros cercam Paris. Nassau está em Versailles; Reinach e Diesbach em Sévres; Salis-Samadé em Issy; Berchemy occupa a Escola Militar; Royal-Cravate acampa em Charenton. Paris está ameaçado de todos os lados. Domingo, os cavalleiros de Lambesc massacraram-nos nas Tuilleries; hontem, os electores decidiram que se armassem os notaveis. Quatorze mil homens, eram sufficientes para a policia; mas não para a defeza. Á tarde reclamámos, e o numero foi elevado a 48:000. Havia apenas 12:000 espingardas, mas fabricaram-se lanças, e esta tarde tolia a população estará armada. Então voltaremos, e, já que nós desafiarmos, nós lhes faremos frente... Eis aqui as novas, meus senhores. Versailles ameaça Paris: Paris se defenderá!...

— Paris se defenderá? disse uma voz. Mas defender-se é proprio de fracos e Paris é forte!... Defender-se de quem? Atacar é que é preciso!...

Um novo orador salta sobre a cadeira.

Era tambem moço. O seu fato estava em desordem. A sua grande cabeça ergula-se radiante de entusiasmo. Os seus olhos negros brilhavam. A sua bocca pronunciava as palavras como se fossem gritos da alma...



**LECCIONAÇÃO**

F. FERNANDES COSTA, quintannista de Direito, continúa a leccionar *Philosophia e Litteratura*, no Arco da Traição, n.º 21.

Dão-se quaesquer informações na *Papelaria Académica*, do sr. A. Godinho de Mattos, Marco da Feira.

**LOJA DO POVO**

Este acreditado estabelecimento, de que é proprietário o nosso amigo sr. Jayme Lopes Lobo, acaba de receber uma importante remessa de chailemantas de merino, merinos francezes, urmures pretos e uma variada collecção de lindissimos lenços de seda, em côr e brancos, próprios para a presente estação, que tudo vende por preços muito limitados.

**A. J. LOPES DA SILVA****Repertorio Juridico Portuguez**

Fasciculos 1.º a 15.º, em 8.º, 1887 a 1894, 15.000 réis

PARA maior facilidade de aquisição, está aberta assignatnra permanente, na razão de um ou mais fasciculos por mez, na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

**FRANCISCO FRANÇA AMADO**

ANTIGA LIVRARIA ORCEL  
CASA EDITORA

Administração da «Revista de Legislação e de Jurisprudencia»

141 — RUA FERREIRA BORGES — 142

**COIMBRA****Novidades litterarias**

Dr. Antonio de Vasconcellos — Viriathos (um capitulo da Historia da Lusitania). 1 vol. . . . .	350
Eugenio de Castro — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Asum e do Hymiar. 1 magnifico vol. impresso a duas cores, sobre papel de linho . . . . .	800
Manuel da Silva-Gayo — Os Novos. 1 — Moniz Barreto 1 vol. . . . .	400
Alberto Pinheiro — Alva. Com um prefacio de Eugenio de Castro. 1 vol. . . . .	700
Manuel Anaquim — A moderna questão do Hypnotismo 1 vol. . . . .	500
Alvaro de Albuquerque — Matinaes (verso) 1 vol. . . . .	500
Sousa Ribeiro — Sorrisos e lagrimas (versos velhos) 1 vol. . . . .	500

Assignaturas para todos os jornaes de modas nacionaes e estrangeiros

**MENDES MARTINS****DIVIDAS COMMERCIAES DOS CONJUGES**

1 volume em 8.º, 400 réis

**PROGRESSOS DO DIREITO MERCANTIL**

1 volume em 8.º, 600 réis

A VENDA na livraria editora de F. França Amado, rua Ferreira Borges—Coimbra.

**CODIGO**

DO

**PROCESSO COMMERCIAL**

APPROVADO POR

Decreto de 24 de janeiro de 1893

3.ª edição

Acompanhado d'um bem elaborado indice alphabetico

Esta edição acuradamente dirigida pelo dr. Abel Andrade é a **UNICA** que copia em notas a doutrina da commissão redactora da proposta do *Codigo do Processo Commercial*, nos pontos em que foi alterada, na essencia ou na forma, pelo governo.

Preço 200 réis  
(FRANCO DE PORTE)

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra, e em todas as livrarias do paiz.

**QUESTÕES PRATICAS**

DE

**DIREITO CIVIL E COMMERCIAL**

OU

Collecção de casos julgados

POR

José Maria de Freitas

1 grosso vol. 1.4000, pelo correio 1.6000 réis

A' venda na livraria editora de F. França Amado—Coimbra.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias

**ROTEIRO ILLUSTRADO**

DO

VIAJANTE EM COIMBRA

Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves.

PREÇOS: — Brochado, 300  
— Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

**HOTEL COMMERCIO**

(Antigo Paço do Conde)

19 NESTE bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado. Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições. Também já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

**BOLACHAS E BISCOITOS**

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ &amp; GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

18 NESTE deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica, a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

**JOÃO RODRIGUES BRAGA**

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20 — (Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

17 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho, Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de corôas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as côres e larguras. Eças douradas para adultos e crianças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto nesta cidade como fóra.

**ESTABELECIMENTO**

DE

**FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE

João Gomes Moreira

50—RUA FERREIRA BORGES—52

(Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

16 Esta casa, sem duvida, a que em Coimbra tem um sortimento mais completo no seu genero, encarrega-se da montagem de pára-raios, telephones, campainhas electricas, etc., serviço este que é feito pelos habéis electricistas de Lisboa os srs. Ramos & Silva de quem tem agencia nesta cidade.

Para fóra da terra quaesquer informações que lhe sejam pedidas serão immediatamente dadas.

Tem grande deposito de **Cimento da Companhia Cabo Mondego** que substitue com vantagem o cimento inglez e custa muito mais barato.

Além das ferragens grossas tem tambem um bonito sortimento de ferragens finas, tesouras de todas as qualidades e para todos os officios, canivetes, faqueiros, cristofie, metal branco prateado, cabo ébano, marfim, etc. Colheres para sopa e chá, conchas para terrina e arroz, em metal branco prateado.

Grande sortimento de louças de ferro estanhado e esmaltado. Bandejas, oleados, torradores, moínes e machinas para café. Balanças de todos os systemas, azas nikeladas para portas e cancellas.



15 AS verdadeiras machinas SINGER, para alfaiate, sapateiro e costureira, vendem-se no estabelecimento de fazendas e machinas, de José Luiz Martins d'Araujo, rua do Visconde da Luz, 90 a 92 — Coimbra.

Vendas a prestações de 500 réis por semana.

Tambem ha machinas de costureira, ponto de cadeia e machinas de fazer meia; tambem se concerta qualquer machina. Preços commodos.

**A' LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flôres

**F. DELPORT**

247, Rua de Sá da Bandeira, 251—Porto

14 CASA filial em Lisboa—Rua do Principe e Praça dos Restauradores (Avenida).

Unico representante em Coimbra

**JOÃO RODRIGUES BRAGA, Successor**

17—ADRO DE CIMA—20

LOJA DA CHINA

**LOJA DA CHINA**

Augusto da Costa Martins

5—Rua de Ferreira Borges—5

7 Neste estabelecimento encontra-se á venda arroz, stearina, tapioca, cevadinha, bolacha de varias qualidades da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha, chocolate, gomma, artigos de papelaria, etc.

**Especialidades da casa**

Chás verdes e pretos, cafés (Angola e S. Thomé) e assucar. — Chá medicinal de Hamburgo.

**EDITAL**

O dr. Guilherme Alves Moreira, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra

13 Faço saber que na secretaria da mesma Santa Casa se achará patente por espaço de 8 dias, a contar do dia 11 do corrente mez, o projecto do 2.º orçamento supplementar ao ordinario do corrente anno economico, a fim de todos os interessados o poderem examinar e a seu respeito apresentarem, dentro do referido prazo, quaesquer reclamações ou observações escriptas. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandei passar este que váe ser affixado no lugar do estylo. Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 7 de março de 1895.

Guilherme Alves Moreira,  
Provedor.

**LIVROS DE MISSA**

12 Magnificas encadernações em pelles de crocodillo, phoca, vitella etc.

CASA HAVANEZA  
COIMBRA

**Vinho de mesa puro genuino**

11 Vende-se no Café Commercio, rua do Visconde da Luz, a 120 e 130 réis o litro. Vinho do Porto, a 200 e 300 réis o litro, e fracções correspondentes; grande quantidade de bebidas finas, tanto nacionaes como estrangeiras. Preços sem competencia.

O proprietario garante todas as qualidades e restitue a importancia recebida quando a qualidade não satisfaça ao freguez.

A. Marques da Silva.

**COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE**

FUNDADA EM 1835

SÊDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 203.000\$000

10 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros marítimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho n.º 45, ou na do Visconde da Luz n.º 86.

**PHAETON**

9 NA rua Ferreira Borges n.º 81 a 87, vende-se um por preço muito modico.

**Fernão Pinto da Conceição CABELLEIREIRO**

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

8 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatro, etc.

**AOS MESTRES D'OBRA**

6 Vende-se uma porção de madeira de pinho manso e bravo, com 2<sup>m</sup>,50 X 0<sup>m</sup>,35 a 0<sup>m</sup>,65 de largo, e 0<sup>m</sup>,04 a 0<sup>m</sup>,12 de grosso, cortada e serrada ha dois annos. Para informações rua dos Sapateiros, 80.

**Bomba para incendio ou jardim**

5 Vende-se uma quasi nova e por metade do seu valor. Quem pretender dirija-se ao sr. Manoel José da Costa Soares, d'esta cidade.

**Arrenda-se**

4 UMA morada de casas com 2 andares, rez do chão, e quintal, onde habita o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Augusto Caldas da Cunha, na estrada da Beira, ao fundo da Ladeira do Seminario. — Para tratar rua do Sargento-Mór, 31 — Coimbra.

**AOS VIAJANTES**

3 Em a Casa Havaneza encontra-se uma magnifica collecção de malas, porta-mantas e estojos para viagem, recentemente chegadas da Alemanha e Inglaterra.

**Sôro anti-dypheterico**

2 Vende-se na pharmacia Eleziario Ferraz, recebido directamente da Alemanha.

**BENGALAS**

1 Um sortido escolhido e do mais fino gosto acaba de chegar á

CASA HAVANEZA

**“RESISTENCIA,”**

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração  
ARCO D'ALMEDINA, 6

EDITOR

João Maria da Fonseca Frias

Condições de assignatura  
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha:

Anno . . . . . 2\$700  
Semestre . . . . . 1\$350  
Trimestre . . . . . 680

Sem estampilha:

Anno . . . . . 2\$400  
Semestre . . . . . 1\$200  
Trimestre . . . . . 600

**ANNUNCIOS**

Cada linha, 30 réis.—Repetições, 20 réis.—Para os srs. assignantes, desconto de 50 %.

**LIVROS**

Annunciam-se gratuitamente todos aquellos com cuja remessa este jornal for honrado.

Typ. F. França Amado—COIMBRA



# RESISTENCIA

N.º 7

COIMBRA — Quinta feira, 14 de março de 1895

1.º ANNO

## Coimbra e as ideias republicanas

N'esta medieval cidade, ainda hontem cheia de conservantismos tradicionais, ergue-se hoje uma numerosa phalange revolucionaria que, de olhos na Republica, procura ardentemente a salvação da Patria. Aqui, dentro d'este burgo antigo, onde o pó dos seculos parecia ter-se encastellado junto ás portadas que dão para o Progresso a fim de, para todo o sempre, impedir que se abrissem de par em par, congregam-se agora todas as classes, unem-se n'este momento todas as vozes, para, fortes pela união e pela fé, contra rei e governo, erguerem brado de exterminio que salve o misero Portugal.

Tomam parte, no concerto supremo, alguns professores da Universidade. Habituaados, pelo estudo das sciencias, ao desprendimento que torna mais vivo o amor da Patria e ao culto da verdade que assegura o respeito alheio, esses homens de posição elevada, a cujos esforços está entregue a direcção da mentalidade portugueza, não trepidaram um momento: e, na solemne affirmacção da sua fé republicana, foi lavrado um ardente protesto contra a immoralidade dominante. Ouvido por todo o paiz e por grande parte perfilhado, esse protesto foi coberto de multiplices adhesões de inestimavel preço.

Na velha terra universitaria, o exemplo foi proficuo. De todas as classes se destacaram elementos sãos; e logo o commercio, a industria, a arte, o capital, o trabalho se congregaram com o professorado para formar um nucleo partidario de incalculavel força.

Esta corrente, que desviou Coimbra da linha conservantista que, pelo passado, parecia ser-lhe essencialmente ingenua, accentuou-se, por forma inequivoca, nos ultimos dias; em presenca de todas as academias portuguezas, synthetisando-as e representando os seus ideaes, a Academia de Coimbra deu testemunho eloquente e perduravel de quanto adora a Patria e quanto deseja a Republica.

Para que esta convicção entre nos animos, estará lembrar a maneira superior a toda a expectativa como os academicos se conduziram nas festas a João de Deus. Não podem tributar-se com esse entusiasmo hossanas tão calorosas ao Poeta que bem mereceu da Patria e que a concretisa, não podem arrancar-se do peito saudações tão vibrantes e tão prolongadas áquelle que, descerrando os veus da ignorancia á creancinha e ao operario, derrama brilhante luz em direcção ao futuro, — sem que, ao mesmo tempo, palpita com immenso ardor n'esses espiritos abertos a todas as grandes causas o desejo supremo de salvar a Patria, isto é, sem que por essa mocidade festiva corra em labaredas o sentimento revolucionario que ha de conduzir-nos á Republica.

Mas ha ainda, para corroborar o nosso asserto, o confronto entre essas manifestações espontaneas,

vivas, calorosissimas, e o acolhimento frio e desdenhoso, que D. Carlos mereceu aos centenaes de academicos que em Lisboa, no saraú de D. Maria, o tiveram, largas horas, bem á vista. Compare o rei os applausos que, n'esta e em outras terras do paiz, lhe têm consagrado alguns miseraveis comprados pela policia, com essas palmas, bravos, vivas e flores, tributados por milhares de rapazes ao genial Poeta; recorde-se, por outra parte, de que nem um só viva essa mocidade ruidosa lhe endereçou, de que, nos centenaes de corações ardendo em amor da Patria, cheios de fogo e de alegria, nem um só, ao menos por desvario, lhe conferiu uma saudação; e comprehenderá que, na angustiosa miseria a que Portugal chegou, já ninguém se illude sobre o futuro da monarchia e que, pessoalmente, lhe falta, além das outras condições, o prestigio indispensavel, segundo os publicistas mais orthodoxos, para continuar reinando n'este paiz desgraçado. Pense ainda o rei quão inutil lhe foi essa caminhada a casa do Poeta...; e terá comprehendido que, no momento presente, amar a Patria, glorificar João de Deus, fazer a apothese do grande portuguez, é arrancar Portugal da monarchia e lançá-lo resolutamente no caminho da Republica!

E não pára aqui a eloquencia dos factos.

Medindo as academias pela craveira moral dos apaniguados, João Franco, de cerebro obtuso em tão subido grau que não viu a significação d'aquelle confronto, offereceu feriado aos estudantes comtanto que o fossem pedir ao rei.

Esses milhares de rapazes, que alli estavam glorificando a synthese da Patria, estacaram, frios, severos, nobilissimos na sua vibrante energia, e responderam ao humilhante convite:

— Não!

Não! Essas almas de patriotas não poderiam por forma alguma dirigir um pedido ao representante da monarchia! Não! Esses espiritos juvenis, desinteressados das falcatruas orçamentaes, livres na expressão do seu sentir, que é o do paiz inteiro, não poderiam acceitar o expediente palaciano que João Franco lhes apontava.

Responderam bem. E nunca a sua attitudé de viva fé republicana se exprimiu, por forma collectiva, tão unanime, tão vibrante e tão nobre.

Honra, honra aos academicos do paiz! Honra á academia de Coimbra!

## PREVENÇÃO

O governo, sem motivos, faz espalhar boatos alarmantes, impressionando a opinião publica e preparando uma pavorosa. Agentes da policia, disfarçados em conspiradores, não são estranhos a manejos que podem encontrar desprevenidos os republicanos.

Cautela e muita prudencia. As impaciencias só aproveitam á monarchia.

## Uma carta de Guerra Junqueiro

Temos hoje o prazer inigualavel de communica aos nossos leitores a carta que o sublime poeta, Guerra Junqueiro, escreveu ao nosso devotado collega dr. Antonio Coimbra, por occasião do acto brutal e infamissimo que o expulsou d'um logar exercido com escrupulosa rectidão e probidade:

«Meu nobre e religião»

A admiravel attitudé de v. ex.<sup>a</sup> perante a canalhice monarchica torna-o credor da minha sympathia e do meu respeito.

O seu procedimento foi d'homem e de patriota. Revelou um caracter.

E é de caracteres, sobretudo, que a nação precisa para salvar-se. A crise verdadeira não é a economica; é a moral, a das consciencias. E nesta hora triste cada consciencia que se afirma vale individualmente, por si propria, e collectivamente, pelo exemplo. Tudo na vida é contagioso e solidario. O acto que v. ex.<sup>a</sup> praticou repercutir-se-ha, com maior ou menor intensidade, em muitos milhares d'almas. As ideias de dever e sacrificio só d'esta forma se incutem: havendo alguém que as realisa. Prégas não basta.

Creia-me seu admirador e amigo,

Guerra Junqueiro.»

## Reitor galopim

Conta a Provincia:

«Diz-se que o sr. Costa Simões mandou dizer para a M-alhada que não fizessem manifestações contra a reforma administrativa, porque o sr. João Franco lhe assegurava que o conselho não seria supprido, e seria classificado na segunda ordem. Era o que faltava ao sr. Franco fazer esta pirraça ao seu docil Reitor da Universidade... Era uma ingratidão sem nome... Seria isto o que determinou o sr. Reitor a ser o triste executor dos actos vingativos do coveiro da monarchia?»

Tempos houve em que havia na Universidade alguns Reitores-Reformadores; agora ha o Reitor galopim.

Francamente, ha casos em que a certidão de idade põe um limite á latitude da critica...

Não sejamos, pois, deshumanos.

## Martins de Carvalho

É profunda a impressão que causou o artigo do nosso collega O Conimbriense, em que o redactor d'essa folha, espirito eminentemente liberal, declarava que havia descrito completamente dos partidos monarchicos e por isso se filiava no republicano. Certa imprensa, para attenuar o effeito produzido por tão nobre e patriótica affirmacção, diz que o sr. Martins de Carvalho não se declarou republicano. Como resposta ahí vae o que escreve O Conimbriense:

## O nosso artigo

«Tem produzido enorme effeito o nosso artigo do numero passado—Assim o querem assim o tenham.

«Na integra, ou em parte tem já sido transcripto pelos nossos collegas da Resistencia, de Coimbra; Seculo, Dia, Vanguarda, Folha do Povo, Diario de Noticias e Correio da Noite, de Lisboa; juntando-lhe esses collegas comentarios, que manifestam a conta em que tem o referido artigo.

«Um nosso prezado amigo d'esta cidade, ancão de 83 annos de idade, e cidadão muito considerado, dizia no sabbado ao terminar a leitura do nosso artigo—Associei-me na minha mocidade com os liberais que pugnavam pela Carta Constitucional, na crença de que as suas disposições seriam fielmente cumpridas.

«Agora, porém, em presenca dos attentados que o governo está praticando contra as garantias liberais, acho-me necessariamente de accordo com a doutrina do Conimbriense, e ao lado do seu redactor Martins de Carvalho.

«Estou velho, mas não hei de ver impassivel escarnecer dos homens que lutaram pela causa da liberdade.

«Ao terminar a vida vejo-me nas fileiras republicanas, para onde me arremessaram essas absolutistas, que estão no poder. A responsabilidade é d'elles.

«isto é authentic.

Joaquim Martins de Carvalho

## Bagatellas

O respeito e os disvelos, de que hoje se cercam os monumentos da arte antiga, não representam simplesmente o capricho e dilettantismo, mais ou menos sentimental, quer como titulos de vaidade patriótica, quer como meras curiosidades historicas. O espirito utilitario do seculo considera-os, além d'isto e sobre tudo, como incentivos de educação e cultura publica; como fontes de suggestões felizes para a renovação mental da arte, dentro das tradições estheticas de cada povo.

É principio indiscutivel, e seria já agora excentricidade ou ineptia contrariar um facto, que por toda a parte tem a acceitação unanime.

A escola economica, que quer que o estado se conserve neutral perante a arte, apenas delega essas attribuições na iniciativa particular. É certo que nos Estados-Unidos o governo não se preocupa das questões de arte, como não cura de tantas outras respeitantes á instrucção publica.

Nesta grande nação, que ha um seculo conquistou a autonomia, florescente em toda a pujança da sua actividade, com todas as energias da sua raça privilegiada, que a si mesmo se sabe dirigir na plena liberdade da emancipação, a intervenção do poder central é inutil na maior parte das questões que immediatamente interessam a sua prosperidade social. O seu admiravel senso pratico dá á sua acção uma força invencivel.

Por toda a parte surgem sociedades que criam escolas, museus e exposições para os operarios das industrias decorativas, e os donativos espontaneos e abundantes correm em auxilio de todas as empresas educadoras.

Nas sociedades caducas do velho mundo, onde esse vigor de acção se acha pouco menos que atrophiado na centralisação sempre desconfiada e oppressiva pelas peias da ordem; que tem de avançar lentamente na estrada do seu passado historico e das tradições consagradas, seria arriscado confiar do espirito e das contingencias dos recursos particulares essa missão, da qual depende o futuro das nações.

A civilisação tão agitada tem exigencias inludiveis e na vida commum dos povos é um perigo adormecer na inactividade.

Ora nisto, como em tantos outros assumptos, a nossa situação nacional é incomparavel.

De longe em longe uma ou outra voz na imprensa e no parlamento tenta despertar a attenção governativa para o abandono em que se vão desfazendo os monumentos historicos.

Em 1875 foi nomeada uma commissão, que durante largo tempo alimentou os noticiarios e incendeu a fé nos corações ingenuos. Pouco depois porém, sem se saber como, a commissão tinha baixado á terra, preche de boas intenções e de planos frustrados.

Como rastro unico da sua existencia deixou em documento publico o extracto das actas, onde se encontram os depoimentos mais vergonhosos das obscenidades e sevicias exercidas sobre as reliquias d'arte, que aos governos cumpria proteger religiosamente. É um libello de accusação em forma, para edificacção do paiz!

Depois d'isso os desacatos, as depredações e os latrocínios, em vez de serem punidos pela acção dos tribunaes, têm sido, pelo contrario, subtraídos á apreciação do publico, em nome das conveniencias e do decoro!

Por taes processos se tem esgotado o paiz; e os escandalos são de todos os dias!

D'entre cem escolherei um, ainda recente e quasi de todo ignorado. O facto é rigoroso na essencia, embora possa corrigir-se com alguma variante nos accessorios.

No convento da Madre de Deus existiam quatro baixos relevos, não sei se no genero do de marmore de Carrara, que figurou na exposicção d'arte ornamental, moldurado em majolica de Della Robbia.

Quando quizeram recolher as preciosas obras do extinto convento ao Museu nacional, soube-se com espanto que, por um abuso fraudulento, elles se achavam depositados, como caução numa casa de penhores de Lisboa.

A indignação das repartições respectivas attingiu proporções apoplecticas. Chefes e amanuenses, de péras tremulas, vociferaram de iracundia; e de secretaria para secretaria estabeleceu-se um tiroteio de officios interminavel e ruidoso. As mangas d'alpaca gemeam na ejaculação laboriosa de apostrophes circumspectas!

Foi uma lucta aspera e medonha!... No entretanto um audacioso Marquez, cujo nome nos não ocorre neste momento, sobrepticiamente levantava o penhor; e quando findaram as estupantes e ronceiras delongas burocraticas, os sumptuosos medalhões estavam a bom recato e sem remissão. E o Marquez, então no periodo do seu prestigio, de braço dado com um ministro de escrupulos faceis, ria de galhofa, porque bem sabia que a soleira do seu palacio era a balisa limitrophe alem da qual não passaria a reivindicacção da justiça.

Por successos posteriores, é bem de ver que os baixos relevos lá foram de foz em foz!

Ora occorrencias ignobeis d'esta ordem: vandalismos e roubos, — com uma frequencia que se converte em normalidade, não só impunes mas com assentimento e collaboracção dos poderes publicos, — isso é que pôde affirmar-se afoitamente, e com testemunhos á vista, — só neste delicioso torrão se vêem!

A.

## O sr. Resurreicção

O propheta que escreve os psalmos da Resurreicção tem estado doente. Por isso o elogio biblico do sr. secretario da Universidade está suspenso por alguns dias. Mas não se desconsola o sr. José Joaquim, que nem por muito maldrugar se resuscita mais cedo.

## A reforma administrativa

Estivemos quasi convencidos de que deviamos impugnar com toda a energia de que somos capazes uma das disposições consignadas no novo código administrativo do sr. João Franco. A campanha da imprensa liberal contra o n.º 6 do art.º 368 que não permite, exceptuando os casos nelle especificados, recorrer para o supremo tribunal administrativo dos actos e despachos do governo que offendam as leis ou lesem direitos adquiridos, causou-nos um profundo abalo.

Allgurou-se-nos até que o governo havia decretado uma disposição eminentemente despotica, que tinha descoberto um meio effcaz para offender impunemente as leis e os direitos individuaes que não sejam garantidos por leis especiaes.

Não nos deixamos, porém, arrastar pelas primeiras impressões. Reflectimos maduramente sobre o assumpto, e chegamos, depois de algumas hesitações determinadas pela maldita propaganda da imprensa liberal, á conclusão de que nem nesse ponto era vulneravel a reforma administrativa.

A denegação de recurso contra os actos e despachos do governo por que se offendam as leis e se lesem direitos, constitue uma necessidade social de tal ordem que o governo, não obstante o espirito rasgadamente liberal que tem manifestado em todos os seus actos, não podia deixar de decretar,



Em primeiro lugar, era essa a doutrina que se achava firmada na nossa legislação, e o governo não podia, ou, pelo menos, não devia alterá-la no estado em que actualmente se encontra o país. Lavra profunda a anarquia, nota-se uma tendência extraordinária para a revolta contra os poderes constituidos, e o governo tem o rigoroso dever de calcar a constituição, desaccatar as leis, lesar os mais sagrados direitos, não só para evitar que haja manifestações contrárias às instituições vigentes, mas ainda para favorecer os cidadãos que se colloquem ao lado d'elle prestando-lhe apoio para levar a bom termo a tarefa que se impoz.

Fazer o contrario seria um contra-senso.

E' verdade que a nossa jurisprudencia, baseando-se nos §§ 2.º e 3.º do art. 5.º do decr. com força de lei de 29 de julho de 1886, acceitou como doutrina corrente que era permitido recorrer contra os actos ou decisões do governo que offendessem direitos adquiridos, as leis ou os regulamentos. Mas essa doutrina era erronea. Os ministros não são autoridades administrativas.

E' certo que ha uma administração central, mas já não o é que ella assente sobre o ministerio, que este represente a unidade administrativa dos serviços publicos. Dizer que os ministros desempenham funções administrativas e que, portanto, se devem chamar e são autoridades administrativas, é sustentar doutrina contraria ao nosso systema politico e á... grammatica, que tambem deve ter voto na materia.

Em segundo lugar, quando se facultasse o recurso contra os actos do governo offensivos das leis e dos direitos individuaes, isso só serviria, no nosso magnifico regimen politico, para agravar a sorte dos desgraçados que recorressem a esse meio para se desagravarem. Esse recurso dava-se para o supremo tribunal administrativo que, pelo recrutamento dos seus membros, por se tornar necessaria a homologação do governo, em regra, para que tenham força os seus accordãos, e ainda por outras razões, não podia offerecer aos recorrentes sérias garantias. Que o diga o sr. Peito de Carvalho e as associações dissolvidas de Lisboa. Louvamos, pois, o procedimento do governo, tirando aos lesados qualquer esperança illusoria que o tal direito de recurso nelles fizesse gerar.

Mas ha uma razão que convencerá ainda os mais renitentes. É a que vamos expôr em terceiro lugar.

O governo pôde ver-se forçado, sempre por causa do interesse publico e com grande magua sua, a offender os direitos individuaes, infringir as leis e os regulamentos. Ora, para julgarem do tal interesse publico, não são competentes tanto os tribunales judiciais ordinarios como os especiaes. Esses podem até julgar, suprema loucura!, que o interesse publico impõe a impreterivel observancia da lei.

Ora como podia o governo ir confiar a um tribunal, que revestisse de certas condições de independencia, a apreciação dos seus actos contrarios á lei mas inspirados pelo interesse publico? Os desacertos, os erros, as offensas ao sacrosanto principio da auctoridade não se fariam esperar. As instituições pereceriam com certeza. E cumpre salvar-as, por mais que isso custe á nação.

Mas, se qualquer tribunal não é competente para julgar dos actos do governo, outro tanto se não dá com o parlamento. Este, que é indubitavelmente a mais refinada expressão da soberania governamental, digo, nacional, comprehende admiravelmente o que seja o interesse publico. Tem-no revelado d'um modo inequivoco.

Portanto elle julgará dos actos do governo. E' verdade que não fixa indemnisações a quem for lesado nos seus direitos, é verdade que não pôde fazer executar a lei, mas saberá elogiar o governo, votar moções de confiança, mesmo que os governos falem descaradamente á verdade como na celebre questão do Casengo, que tenham protegido afluídos delapidando os cofres do Estado como se deu com a celebre questão da predio onerado, com a da outra metade e com a das Lamas do Tejo.

E' que o parlamento sabe muito bem que os actos do governo são inspirados pelo interesse publico.

Oh! se sabe...

## Los enemigos pagados

Dizem as Novidades:

«El Tiempo, o diario liberal órgão de Silvela, referindo-se á circular que o governo portuguez expediu ao reitor da Universidade, applaude-a, fazendo notar ser precisamente aquella a doutrina republicana em França. E remata:

«En Francia no se admiten los catedráticos monarchicos. Sólo aquí se toleran los enemigos pagados.

«E exacto. Só em Hespanha... e em Portugal, apesar da circular a que se refere, e já depois de publicada.»

A phrase hespanhola é grosseira e infamemente calumniosa. Traduz, por fórma ainda mais aviltante, a referencia ao famoso pão da monarchia, com que estes lebreus sem pudor tanto se esbalfaram ha dias.

A infamia da tal folha hespanhola só pôde ser excedida pelo commentario das Novidades, que envolve uma ameaça do governo aos professores republicanos, ou uma incitação a esse procedimento repugnante que ha muito faz as delicias do João Franco.

Além de que, a attitudo actual d'esta folha vil contrasta frizantemente com a que indicava o facto de, ha dias, triphudar por os lentes republicanos se terem, no seu dizer indigno e farçante, conformado com a circular.

Assim se vão as illusões dos corruptos que já não crêem em que haja dignidade.

E para despedida vá lá tambem um pedaço de hespanhol. É do jornal Las Dominicales del Libre Pensamiento:

«El gobierno portugués ha destituido al secretario de la Universidad de Coimbra, Sr. Cerqueira Coimbra, por el delito de ser republicano.

«Ese acto faccioso viene a confirmar el estado de decomposición moral en que se encuentra la monarchia portuguesa.

«Los republicanos portugueses no deben conceder el honor de combates a ministros tan idiotas, sino cogerlos de las orejas y arrojarlos a puntapiés del Poder.»

Lembramo-lo para auxiliar a campanha das Novidades.

## Dr. Silvestre Falcão

O nosso collega O Louletano publica a sentença do juiz de direito de Loulé, julgando procedente a reclamação que o nosso presado amigo e illustre correligionario dr. Silvestre Falcão, medico naquella villa, apresentou em juizo contra a deliberação tomada pela camara municipal em sessão de 5 de setembro ultimo, e consequentemente de nenhum effeito a nomeação do facultativo José Bento Barahona Frago, para o 3.º partido medico do concelho de Loulé.

A sentença que está magistralmente fundamentada mostra que a camara empregou um processo illegal e tumultuario.

Querendo servir amigos e afilhados, a camara seguiu o exemplo do governo, não attendendo ao que estatuem as leis.

Por toda a parte impera o arbitrio, sem respeito algum pelos direitos dos cidadãos independentes que só nas leis escudam as suas pretensões.

Parabens ao nosso amigo dr. Silvestre Falcão.

## Para diante

Diz o Correio da Noite que o desequilibrado João Franco expedira circulares aos administradores dos concelhos, ordenando-lhes que se opponham terminantemente a qualquer manifestação contraria á notavel reforma administrativa que ultimamente foi decretada.

E para que a ordem seja cumprida indica-lhes a ameaça que devem fazer: o concelho será suprimido.

Até aqui pagava-se mas havia a liberdade de bufar. Agora paga-se mas não se pôde bufar.

Não tardará muito que a machina rebente.

## Dr. Antonio Lucas

Faz amanhã o seu acto de licenciamento na faculdade de mathematica este nosso querido amigo. O seu passado, cheio de brilhantes triumphos academicos, assegura-nos do resultado e da maneira como o difficil acto vai correr.

Argumentarão: na dissertação (Eclipses) o sr. dr. Costa Lobo, e nos cinco pontos os srs. drs. Sousa Pinto, José Bruno, Arzila, Henrique de Figueiredo e Luciano Pereira da Silva

## LITTERATURA E ARTE

### Bom tempo!

Os passaros andam doidos a chilrear e a correr por entre o arvoredor em flôr. E' o primeiro dia de sol, vem a correr a primavera!

A relva verde é fina e macia como o cabelo das mulheres.

Vão-se-me os olhos no rio, que parece levantar-se em ondas nos salgueiros cheios de folhas miudinhas e verdes, a brilhar, humidas, ao sol, fracas, quasi a desprender-se dos troncos como gotas d'agua verde. Para lá da estação, cujo telhado vermelho grita na docura da payzagem n'um colorido de chromolithographia, a linha ferrea, guardada por eucalyptos negros e conicos como as arvores que fazem em Nuremberg para as crianças, vai perder-se na mancha roxa dos choupos sem folhas. Mais atraz, o arvoredor verde-negro corta-se no horizonte azul-escuro dos montes distantes.

No céu muito azul apenas uma nuvem branca estendida ao sol.

Até os meus livros parecem hoje mais novos, dourados e alegres. E' branca como uma macieira em flor a Revue blanche aberta sobre a minha meza de trabalho.

Fala de João de Deus, e traz-nos novas de Portugal—um retrato-charge do poeta em traços negros e fortes de gravura rude em madeira, a barba e os cabelos negros, muito negros, negros de mais, dando-nos a sensação d'um cartaz-reclame a elixir maravilhoso para tingir o cabelo.

Como lá-fora nos conhecem e nos estudam! O que elles escrevem do Eugenio de Castro!...

«Pode ser que o auctor da Belkiss entre um dia mais profundamente na analyse do coração humano; mas duvido que a sua forma possa tornar-se mais magnifica, a imaginação mais rica, o colorido mais maravilhoso. Se esta prosa fosse menos vibrante e indicasse mais difficuldade, escreveria que a sua plasticidade faz pensar na de Flaubert, o Flaubert d'A Tentação e de Salammbô. Prefiro dizer que, ás suas qualidades pittorescas e descriptivas, reúne o hallucinante poder evocador do estylo tragico d'um Maeterlinck.»

«De Castro pode orgulhar-se! Tinha restaurado a poesia lusitana, renovado o vocabulario, posto em voga os velhos rythmos, e creado formas novas. Eil-o que, á primeira tentativa, dá ao mesmo tempo á sua patria o primeiro modelo da grande prosa lyrica, e o primeiro modelo de grande prosa dramatica, de que tem direito a orgulhar-se Portugal.»

Deliciosa sensação a que nos dá este artigo de Louis-Pilate de Brinn'Gaubast, a nós, que começamos por aprender as linguas estrangeiras para poder estudar em livros de fora a arte, a industria, a sciencia e a litteratura, e a quem a lingua portugueza offerece apenas a commodidade preciosa de poder conversar com a familia, a lingua portugueza que, ao que se vê, é lá-fora tão conhecida.

Mas, é verdade, porque será que Louis-Pilate de Brinn'Gaubast escreve em francez no Instituto?...

Como lá fora é luminoso. O céu, azul, de miniatura. Na relva do campo ao longe, brilhos d'espelho da agua, charcos de malmequeres todos brancos. A terra lacerada pelas ultimas chuvas tem os tons vermelhos de sangue das feridas boas.

Até a esquina alli de fronte, hontem tão feia, cheia de cartazes a cahir rasgados da chuva e do vento, está hoje com um ar alegre, de saude. Ha um cartaz lá, novo, a brilhar; tons roxos! Em letras pretas lê-se sobre um jugo do Minho o distico—A arte portugueza. Ao fundo uma decoração de castellos.

Trazer como synthese da arte em Portugal a canga pittoresca do Minho, d'uma ornamentação tão primitiva, não abona o valor da publicação.

A ideia é estúpida, é; mas a esquina do velho palacio ri hoje um riso novo... O desenho é de Casanova.

Porque escolheria o sympathico mestre-de-desenho-d'El-Rei tal symbolo? Imaginará este hespanhol que o emblema do artista portuguez é a canga?...

T. C.

## O governo cedeu

Foram abonadas as faltas dadas pelos professores da Universidade sem que os attestados designassem a especie da molestia soffrida. Foi rasgada a indigna circular.

Vê-se que João Franco recuou; que esse dictador de papelão, mais inepto que todos os seus antecessores, enguliu a ordem absurdissima, pela mesma fórma que enguliu os decretos dos addidos e dos passaportes e outras providencias d'esta carnavalesca dictadura. Nem outra coisa era de esperar.

A despeito das vergonhosas defezas da Coimbra Medica e do sr. Lopes Vieira, que todo o mundo escarneceu com gosto, os professores dignos da faculdade de Medicina negaram-se a acceder á criminosa ordem da circular e formaram uma opposição invencivel a esse diploma, mais que estúpido, infame.

Folgamos com a sua attitudo e só pedimos ás pessoas sérias que nos descrevam a cara com que, no seu entender, ficou a Coimbra Medica e o sr. X. Conselheiro Lopes V.!? .....

Como é consolador para o espirito risonho ver assim desfeitas as irritantes basofias ministeriaes dos poverettos!

## Dr. Guimarães Pedroza

Partiu para a Figueira da Foz, por haver recebido noticia do fallecimento d'uma sua tia, o nosso querido amigo sr. dr. Guimarães Pedroza, ornamento distinctissimo da faculdade de Direito. «Compartilhamos a dôr que fere s. ex.ª

## É abjecto

Em correspondencias furibundas, varios patriotas protestaram contra a supressão de concelhos de terceira ordem. Mas como não comprehendem os seus direitos, e como não tem coragem nem dignidade, varios influentes dos concelhos que receiam ser suprimidos, em vez de procederem como devem, supplicam ao João Franco que não lhes tire as regalias municipaes. E assim representam humildemente ao dictador para o moverem á piedade!

Ó idiotas! Pois querem que o ministro os tome a serio quando vocês pedem por motivos que os deviam levar ao mais energico e violento dos protestos?!

Raça de cobardes! Sucia de cretinios!

A proposito das Novidades: Que diabo! Aquelle jornal está sempre ao lado do poder?!

Poderá, se elle é o Diario... dos Governos.

## O Tiro Civil

Recebemos o primeiro numero d'este semanario, órgão da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

E' muito bem escripto e torna-se recommendavel pela forma como tracta os assumptos a que se dedica.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe muita prosperidade assim como á Associação que representa.

## Partido republicano

Foi eleita a commissão municipal republicana de Villa Real. Ficou assim constituída:

Effectivos—dr. Antonio Firmo d'Azevedo Antas, medico; José de Carvalho Araujo Junior, proprietario e capitalista; Miguel Teixeira Mendanha, proprietario; Antonio da Costa e Silva Teixeira, empregado commercial; Adelino Samardan, professor e jornalista.

Substitutos—José Trasmontano Pinto, capitalista; Luiz Teixeira de Carvalho, proprietario; José Antonio Rodrigues da Costa, commerciante; Jeronymo Luiz Pimentel, industrial; Manoel J. Gonçalves Ribeiro, proprietario; Jayme Coelho, professor; Guilhermino V. da Silva, proprietario.

Os dois primeiros e o ultimo dos effectivos foram eleitos para a commissão executiva.

Em Vianna do Castello vai sair brevemente um novo jornal republicano

redigido por diversos correligionarios nossos d'aquella cidade e collaborado por alguns dos mais distinctos jornalistas da nosso partido.

Em Carrazeda de Anciães, districto de Bragança vai apparecer um jornal republicano intitulado A Livre Palavra e redigido pelo nosso illustre correligionario, sr. dr. José Trigo Montinho. Saudamos desde já o novo collega.

## S. André de Poyares, 10 de março

A convite do presidente da camara e administrador do concelho, reuniram-se hoje, na sala nobre dos paços municipaes, os 40 maiores contribuintes industriaes e prediaes, e as pessoas mais importantes de Poyares, a fim de tratarem dos interesses do concelho.

Os influentes regeneradores, adeptos incondicionaes do sr. João Franco, apregoaram por toda a parte o grande lucro que adviria para o concelho, se se representasse para ficar classificado em 2.ª ordem.

Ao principio, imaginando que era o simples desejo da elevação da terra que os levava a tal, todos os acompanharam; mas, desde que ficou bem assento que era unicamente o interesse pessoal que os movia a fazerem essa propaganda, estabeleceu-se uma corrente de opposição da parte dos individuos esclarecidos e dignos, que se não querem sujeitar ás imposições de quem tudo manda.

A reunião realçou-se com grande assistência e sob a presidencia do presidente da camara.

O dr. Jeronymo Silva, espirito esclarecido e sensato, depois de bem frisar que nada se devia pedir ao governo, mas simplesmente lavrar um protesto contra a reforma administrativa feita a sabor dos interesses regeneradores, referiu-se tambem á situação em que ficaria Poyares, se fosse collocado em 2.ª ordem ou em 3.ª como está.

A bolsa ou a vida era o dilema em que o governo os metia.

Se ficasse em 2.ª ordem, como os interesses de alguns desejavam, o concelho dispenderia só com os empregados 1:520\$000 réis, mais 220\$000 que hoje gasta.

E não pareça esta verba pequena, pois é bom pôr em evidencia que a camara luta com tantas difficuldades, que os ordenados de alguns empregados não são pagos ha seis mezes.

Se ficar em 3.ª ordem, o concelho não fica bem, verdade é, mas paga sómente 720\$000 réis aos empregados e não precisa de fazer sacrificios para pagar a quem pôde dispensar.

José Lima, proprietario e um rapaz que vê as coisas pelo que são e não pelo prisma das conveniencias, reforçou alguns dos argumentos apresentados por Jeronymo Silva e pôz bem em evidencia, salientou bem, o interesse que alguns tinham em que o concelho fosse para 2.ª ordem.

O administrador, que hoje recebe 200\$000 réis e nada faz, passava a receber 300\$000 réis indo o concelho para 2.ª ordem e nada receberia ficando em 3.ª

O secretario da camara de 180\$000 réis que hoje tem, passaria a 240\$000 réis na 2.ª ordem e desceria para réis 120\$000 na 3.ª ordem.

O da administração recebe hoje 120\$000, passaria a 240\$000 réis na segunda e desapareceria na 3.ª

Continuando a apresentar algarismos, mostrou bem á assembleia, a razão do sagrado e intenso zelo com que alguns individuos pugnam pela elevação do concelho.

Final e depois de terem fallado alguns dos interessados, a presidencia pôz á votação a proposta de Jeronymo Silva, sendo approvado quasi por unanimidade, (só houve quatro votos contra), que se lavrasse um protesto contra tal reforma administrativa, que a camara fosse interpretada para com o governo d'esta resolução, e que se deixasse ao sr. João Franco o livre arbitrio de collocar Poyares onde lhe aprouvesse.

O dr. Jeronymo Silva foi muito cumprimentado pelo modo como justificou a sua proposta e José Lima muito felicitado.

Foi um cheque bem applicado aos que até hoje se julgam senhores absolutos d'este concelho.

C.